ALÍNEAS

AUGUSTO LA FERE

ARS VERBI

ALÍNEAS

AUGUSTO LA FERE

ALÍNEAS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

CRÉDITOS

Alíneas
© 2012 Augusto La Fere
Publicado por *Ars Verbi*™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital
ISBN: 978-65-988749-1-9

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença aplica-se ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição.

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:
— Atribua o crédito ao autor;
— Não a utilize para fins comerciais;
— Publique obras derivadas sob a mesma licença.
Para mais detalhes, visite:
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

DEDICATÓRIA

A quem deixou cair, sem perceber, uma palavra que me serviu de semente.
Aos que caminharam comigo e não cobraram mapa nem bússola.
Aos silêncios que não se apressaram em virar voz.
E àqueles que, ao lerem, me devolveram pedaços que eu já tinha esquecido.

"We live in fragments,
and only in the silence between them
does the whole reveal itself."
— Eleanor Hart

Vivemos em fragmentos,
e só no silêncio entre eles
o todo se revela.
— Eleanor Hart

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1
I – CARTOGRAFIAS DO INSTANTE 2
- Pedaços 3
- Resumo 4
- Presunção 5
- Desertos 6
- Sina 7
- Retrato de um Tempo 8
- Arrependimento 9
- O Tempo Voa 10
- Fim 11

II – GEOGRAFIAS DO CORPO 12
- Pecado 13
- Ícaro 14
- Estar 15
- Abraço 16
- Passarim 17
- Timidez 18
- Universo Íntimo 19
- Submissão 20
- Liberdade 21
- Alegria 22

III – TERRAS E VOZES 23
- Céu de Zinco 24
- Bucólica 25
- Seu Zé 26
- Comadre 27
- Pescaria 28
- Tango 29
- Naio 30
- Graffiti 31
- A Lata 32
- A Arte do Chá II 33

IV – ARQUITETURAS DA ALMA 34
- Sanctum Sanctorum 35
- Recolhimento 36
- Profissão de Fé 37
- De Nobis Ipsis Silemus 38
- Alíneas 39

Maná..... 40
Antes da Criação..... 41
O Medo e a Noite..... 42
Síria..... 43
Whisky..... 44
V – OUTRAS MARGENS..... 45
Alma..... 46
Caminhar..... 47
Defunto..... 48
Tecelão..... 49
Sonâmbulo..... 50
Estrela..... 51
Futuro do Pretérito..... 52
Quadrofenia..... 53
Concessão..... 54
Acalanto II..... 55
L'Estasi Dell'Oro..... 56
Cartografia da Última Água..... 57
POSFÁCIO..... 58

PREFÁCIO

por Mariano Valdés[1]

Encontrei-me com Augusto La Fere numa estação quase vazia, em Buenos Aires, no intervalo entre dois trens atrasados. Apresentou-me *Alíneas*, que estava aberto sobre um banco de madeira. Olhei-o e era como se o livro esperasse o próximo leitor da mesma forma que uma carta espera o destinatário certo. Peguei-o. Li o primeiro poema, e entendi que não estava diante de versos de superfície: eram pedaços, presunções, desertos — mas todos vivos, pulsando como se tivessem acabado de acontecer.

O que mais me assombrou foi a precisão com que Augusto La Fere recolhe o instante. Não o instante feito de calendário ou relógio, mas aquele que se parte em mil quando respiramos fundo e não sabemos se será o último. Há versos aqui que soam como confidências sussurradas num quarto sem luz, e outros que lembram cartas enviadas de um lugar que talvez nem exista mais. Entre um e outro, o silêncio é quase sempre o verdadeiro protagonista, tecido como matéria invisível entre as palavras.

---

1 Mariano Valdés (Montevidéu, 1977) é poeta e ensaísta. Autor de *Territórios de Areia (2005)*, *A Boca e o Silêncio (2014)* e *Cartas para uma Cidade Submersa (2021)*, sua obra explora fronteiras entre poesia e geografia íntima. Vive entre o Uruguai e o interior de Minas Gerais, onde cultiva vinhas e histórias.

Alíneas é, acima de tudo, uma geografia de fragmentos. Cada poema é um marco isolado, uma pedra de estrada que aponta para direções múltiplas e, muitas vezes, contraditórias. O leitor caminha de uma margem a outra — do corpo ao mito, da memória à paisagem — como quem atravessa uma cidade sem mapa, guiando-se apenas pela intuição ou pelo acaso de uma esquina.

Ler este livro é aceitar que o percurso não é linear, mas feito de desvios. É encontrar, no meio do caminho, imagens recorrentes como velhas conhecidas: o mar que respira lento, o mapa que se entorta, a voz que se cala antes de terminar a frase. Essas recorrências não amarram o sentido; antes, insinuam que talvez o sentido não esteja na chegada, mas no movimento de ir e voltar.

Há uma coragem rara em manter o poema no estado de fragmento, sem a tentação de "fechá-lo" para o leitor. La Fere nos deixa diante de linhas que abrem mais portas do que fecham, confiando que a verdadeira experiência poética não é receber respostas, mas aprender a formular perguntas novas.

Alíneas não é um livro para ler de uma vez só — e talvez nem seja para ler na ordem. É um conjunto de caminhos que começam em fragmentos e terminam em abismos. Como nos mapas antigos, há áreas em branco. E nessas áreas, ao invés de monstros marinhos, encontramos a nós mesmos.

Fechei o livro e o levei comigo, mas ele não ficou nas mãos: ocupou um lugar persistente na memória, como um traço de tinta que não se apaga com o tempo. Não feche *Alíneas* quando terminar. Deixe-o aberto, na mesa ou no pensamento, para que as suas linhas, uma a uma, se alinhem com as suas — e para que o silêncio entre elas também encontre, em você, o seu lugar.

APRESENTAÇÃO

Há livros que nascem inteiros; outros chegam em pedaços, como cartas sem remetente encontradas no bolso de um casaco antigo. *Alíneas* é um pouco disso: um conjunto de linhas que se recusam a ficar na mesma página, mas que, quando reunidas, formam um corpo com sua própria respiração — um corpo que, às vezes, parece feito de carne e, noutras, apenas de vento e memória.

Nesta edição, cada poema encontrou um porto provisório. Dividi-os em blocos — não para aprisionar, mas para que navegassem em companhia de outros versos com ventos semelhantes. Ainda assim, muitos preferiram ficar à margem, e por isso nasceu também um espaço para eles: *Outras Margens*, onde o acaso é timoneiro e o rumo não se anuncia.

As vinhetas de abertura funcionam como chaves e, como toda chave, podem abrir ou não uma porta. Algumas estão enferrujadas, como se tivessem esperado séculos por uma fechadura; outras brilham como se tivessem acabado de ser moldadas. Todas, porém, carregam a possibilidade do inesperado — e, talvez, de um destino que se reinventa a cada leitura.

Esses poemas foram escritos ao longo de anos, em lugares e estados de espírito diversos. Alguns nasceram no intervalo entre uma despedida e um reencontro; outros, no silêncio obstinado de madrugadas sem sono; outros ainda, no desassossego que o mundo impõe a quem insiste em escutá-lo com atenção.

Ao revê-los, percebo que o tempo lhes acrescentou camadas invisíveis — sombras, ecos, pequenas alterações de cor que só se percebem quando se olha de perto. O que antes parecia apenas palavra, agora também é vestígio; o que era só imagem, hoje é também lembrança.

Alíneas não se oferece como mapa preciso, mas como constelação irregular: cada ponto é um poema, cada traço entre eles é um caminho que o leitor inventa. Não há um trajeto único; há travessias possíveis, e cada uma revelará um livro ligeiramente diferente.

Entrego-o, portanto, como quem recolhe conchas depois da maré: sabendo que cada uma guarda um som que já não é do mar, mas também não é só silêncio. Que o leitor leve estas conchas para o bolso ou para o pensamento — e que, ao ouvi-las, descubra nelas o rumor da sua própria viagem.

I – CARTOGRAFIAS DO INSTANTE

O tempo morde e costura, ferrugem na febre.
Cada passo perfura a rua e a memória.
Cada esquina entorta o mapa e a história.

Pedaços

nunca conheceremos
totalmente
aqueles que amamos

somos pedaços
de instantes
que fomos

Resumo

presumo
o presente

nada se resume

quando se trata
de gente

Presunção

pensei tão bonito
não escrevi
não desenhei

dei um grito

Desertos

desertos

os meus também
estão abertos

Sina

o que vem
vem sempre

o que fica
não parte

e o que parte
deixa a marca
que não some

Retrato de um Tempo

nas minhas mãos
a vida venta
macabra
a um passo
da partida

o clique cerra
este cerco
com o corpo
tombado
e sem enterro

Arrependimento

quisera em anos
o mundo

e poderia
tornado tudo
passado

tecendo
e destecendo
os segundos

O Tempo Voa

não apresso
o tato

quando sigo
este olhar

sei bem que as
horas passam

palavras
do vento que faço

Fim

pronto
para a partida

e algo
um quê
me excita

e esta vida
traiçoeira
me expira

II – GEOGRAFIAS DO CORPO

Pele é porto e poço, febre e fronteira.
No cio das mãos, bússola e nau se confundem.
Todo abraço é viagem que nunca se resume.

Pecado

o pecado
é uma fruta
que já colhi

nos risos
da mulher
em que me perdi

Ícaro

negligência são asas
no extremo azul do céu

no continente a vida
vai passar

o calor não importa
pois embaixo é tudo mar

Estar

Sob as estrelas,
o calor se deita na noite.

É uma lembrança insone,
vela à deriva no porto —

o fixo, intransitivo: você.

Nebulosa de caprichos
a amanhecer irreais…

Mas você não está entre as estrelas.
Estão no ar apenas
marcas de mãos,
máscaras de presente
num toque tão leve,

apenas o roçar de mãos,
uma brisa que atravessa o bar.

Irreconciliáveis:
estes desejos de sempre estar.

Abraço

sou do tamanho
do meu horizonte
um brado desperto
além de uma ponte

querer ir
é o compasso
sou tradução
do vasto espaço

que posso alcançar
é o infinito desperto
nas folhas e nos pássaros
de caminhar

sou meu universo
no abraço
no instante
que se fecha

Passarim

interessante
monótono
sou faces
e vazios

(e nos desvarios sou eu)

desejo de eternidades
procurar o agora
nos passoscaminhos

Timidez

o quase
é meu início

nele me basto

o amor
guardo quietinho

de tanto que é vasto

Universo Íntimo

o dia se compõe de auroras
enquanto a noite
de estrelas se escreve

o homem se compõe de esperas
esfera de textos
e se concebe

Submissão

aceitar

palmas da mão

caminho não há
para a salvação

nada a falar

pois a dor do não ser
será fera

e o que resta
é olhar o chão

procurando Deus
onde muitos encontraram

um adeus

Liberdade

mulher lasciva
a liberdade

que mostra os seios
sobre o cadáver

seu preço
é desejo de norte

encontra a vida
na própria morte

é bandeira
desfraldada de futuro

que o momento suplica
em cima do muro

Alegria

alegria
é uma flor
que da espera
desabrochou

III – TERRAS E VOZES

O chão chama e canta, cheira a chuva e chama.
Vozes de barro batem na borda da noite.
Quebram-se em cacos, mas ainda são açoites.

Céu de Zinco

(na tapera
a fumaça e as velas
criam estrelas)

Bucólica

infinitivo infinito é
quando volteia
ao som do mar
que lambe a areia

contar estrelas
é a senda
da infinita prece
que me alheia

Seu Zé

Nas pegadas da anta
No ronco da pintada
No orvalho caindo
Na pala rasgada

Na vida
Os pés muitos olhos
Cheios de estradas
Cruzando matas

Cantigas
Filhos e amadas
Tantas luas
E mais alvoradas

Sertão
Muitas grafias
Muitos então
Muitas manias

Espírito é esse
De pés no chão
Seu José estradeiro
Poeta, pai e irmão

Comadre

acena do ônibus
chove da chaleira
cutuca no ombro
a comadre fofoqueira

não tem fronteiras
nem teatros
tem muitas faces
em tantas vozes

e sempre tão faceira

para quem escreve
é uma jornada
esta palavra
tão sem eira

Pescaria

No extremo
da linha,
a morte é um convite.

Peixe-coração
na fisgada,

preso nos anzóis,
nos olhos
da palavra.

Tango

uma vez
    trago
para aliviar
    fardo
uma canção

outra tango

Naio

(Duo William Teca)

naio
iooi navarro
veh

O vento ventando
Venta roçando
A pala do tempo.

Vendo, findo vento, indo tempo
suave
brisa
Calmo
tufão
inevitável...

Ar
Jim why

Graffiti

perdido todo o rumo
resta nos atos e nas paredes
reescrever o mundo

A Lata

não me vem nada
na vertigem que toma a saudade
em uma lata

A Arte do Chá II

À memória de Paulo Leminski

Na tarde procuro
O rosto amigo
que outrora aliviava
o sentimento
dos meus tormentos

Encontro-o
agradeço
e de perto
me perco

IV – ARQUITETURAS DA ALMA

Entre altar e abismo, arco e arame.
O silêncio martela pedra e prece.
Acende na sombra a luz que acontece.

Sanctum Sanctorum

Tributo a Fernando Pessoa

orar com tanto
barulho
não encontro
a perfeição

nas calhas
desse mundo
que se chama
coração

Recolhimento

serenar
o silêncio
lentamente é noite

escurecer
mansamente no abraço
do leito

findando vozes
sombras luzes
estremecimentos

// estradas //

no anoitecer
inevitável
do esquecimento

Profissão de Fé

À Beatriz Pierin de Barros e Silva, in memoriam.

não professo
as fés
das gentes

essa pena
é da lavra
que teço

no solo
orações por ti
serão sementes

das tuas sombras
entre as árvores
eternamente

De Nobis Ipsis Silemus

distante é noite em mim

nesta sina
não compreendo
a eternidade

fios de momento
testemunhos

(esta hábil fiandeira tecendo mar)

> "matas
> noites
> mãos"

tecendo tantos
quereres
que fico quieto

em negrumes
deslindando um sem fim
eterno

e o silêncio
navego mares além
em teu segredo

Alíneas

tão grande o mundo
pequeno o coração

fugidios dias
de encantamento

aqui aponho
alíneas o tanto

o verso

alegria
entorno
de tristezas

sonhos
vida no cintilar
de momentos

Maná

procurei-te
no silêncio

pedras
e terra

procurei-te
no silêncio

tuas
palavras

e fome saciei
no murmúrio do trigo

Antes da Criação

estava quieta
ainda não gerada
a palavra

O Medo e a Noite

sonha
(durante o dia)
estrela

manhã
(quando deita)
a lua

quando toda
luz incendeia
(não é medo)

que na hora
mais escura
é esperança

Síria

não vi como sonho
as sombras que cobriram
o céu e as distâncias

não vi como sonho
a fome a guerra a treva
de poetas sem nome

não vi como sonho
deuses de tantos nomes
tantos fiéis de aço

senti somente
turvos os olhos
à beira da morte

à beira do beijo
no meio da guerra
que nos consome

Whisky

a solidão
é cara do amor

agarra-se nas vestes
no alvorecer

agarra-se no lamento
do sublime sabor

tentando escapar
como se fosse esquecer

V – OUTRAS MARGENS

Na beira, a maré morde e move o verbo.
Sal queima e chama, corpo desce e dança.
O poema afunda, mas nunca se cansa.

Alma

minha alma
anda sobre as águas
e não sabe

quando souber
que não se acabe

Caminhar

à noite
caminho
dando boa noite
a cada estrela

Defunto

com medo
ou sem medo
o defunto
é o mesmo

Tecelão

Deus
tecendo e destecendo
o segundo
costura com os fios
do tempo
o coração
do mundo

Sonâmbulo

tanto sonho tive
aos teus olhos contemplar
que esqueci de acordar

Estrela

cintilante e bela
está a estrela
para todo aquele
que surpreendê-la

Futuro do Pretérito

cercado de fatos
onde quer que vá
    viver é um momento
    que passado será

Quadrofenia

Os olhos
Que não apreciaram
O culto
Por não saber
Calam-se
E vestem a mortalha
De tons
Negrume do véu
Íntimo
Que não pertencem
A ninguém, somente
A sua mácula
Persignam-se
Nos furtos
Refugiam-se
Nos vultos
De seus ícones
No voo
Seu Ícaro derrete
Sob o calor etéreo
Da masmorra da ignorância

Concessão

o querer veio
do sono
que traz o sonho

e o coração
é esse querer
que não tem dono

Acalanto II

Vento leva
a escuridão

deixa
navalhas

(coração fecha)

sons
flagelam

(surdos momentos)

Visão
turva
(dilacera a carne)

Cobrir como manto
a pele

Embalar como um canto
o sonho

L'Estasi Dell'Oro

A Ennio Morricone

a ganância
é brisa:
o oboé

que me tensa
me queima
tanto querer

malditas tumbas
tantos esquifes
que não consigo

me queima o ouro
no sonho
no grito

que excita
na realidade basta
neste viver

Cartografia da Última Água

Nas mãos, guardo pedaços de mapa
que o sal já apagou,
mas onde ainda reconheço
o risco curvo de um rio.

O corpo é porto e farol:
espera e chama,
marca no horizonte o ponto
onde o silêncio atraca.

Entre margens, o mar respira lento —
traz conchas que são palavras
e devolve palavras
que já se fizeram concha.

Se volto, é só para saber
que a viagem continua.
E que, ao fim de toda água,
há sempre outra margem
a me chamar pelo nome.

POSFÁCIO

Ao fechar este livro, sei que não o encerro — apenas o deixo à deriva. Os poemas que aqui vivem não foram escritos para obedecer a um destino, mas para lembrar que a linha reta é a exceção, não a regra.

Cada bloco é um porto momentâneo: os versos chegam, descansam, e logo partem para outras leituras, outras bocas. Há quem os leia como quem recolhe pedras raras; há quem passe por eles como por ruas familiares. Ambos estão certos.

Os que ficaram em *Outras Margens* talvez um dia encontrem companhia, ou talvez prefiram o silêncio salgado de onde vieram. E está bem assim. Nem todo poema precisa de aplauso; alguns se contentam em existir.

Se algo fica depois da leitura, que seja esta impressão: a de que cada linha é apenas o início de outra, invisível, que o leitor continuará a escrever, mesmo sem papel.

Nota biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo Ars Verbi™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado, Clown, Cartas para Ninguém, Cinza de Bronze, Silêncio Alto* e *Antes que Derrubem*. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Esta Edição Digital de *Alíneas* preserva a essência fragmentária da obra publicada originalmente em 2012, agora reorganizada em cinco ciclos — *Cartografias do Instante, Geografias do Corpo, Terras e Vozes, Arquiteturas da Alma* e *Outras Margens* — que oferecem novos percursos de leitura.

O texto passou por revisão integral de ritmo, pontuação e respiração; vinhetas inéditas foram compostas para abrir cada ciclo; e o conjunto foi disposto de modo a ampliar o diálogo interno entre os poemas. Algumas intertextualidades nominais, presentes na primeira edição, foram suavizadas ou retiradas para acentuar a atemporalidade dos versos, enquanto outras — como os tributos a Fernando Pessoa e Paulo Leminski — foram preservadas como marcos de afinidade criativa.

Assim como um mapa guarda a memória de um território, esta edição foi composta em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamont talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561) em Paris. Suas linhas conservam a respiração clássica do século XVI, agora navegando nas águas silenciosas do suporte digital.

Concluída sob o selo *Ars Verbi*™, na cidade da Lapa, em outubro de 2025, esta edição integra-se à identidade visual das demais obras poéticas de Augusto La Fere, reafirmando a unidade editorial e expandindo a experiência de leitura.

Há livros que são margens: recolhem a água que chega
e devolvem ao mar o que sempre foi seu.
Alíneas é uma dessas margens — e talvez seja a água que o procure em você.